

INDIOS TUPI DO INTERIOR DA PARAÍBA E SEUS FLUXOS MIGRATÓRIOS

Juvandi de Souza Santos¹

Karen Nadja de Souza Morais²

Lucas Ramon Porto de Assis³

1 Historiador/Arqueólogo/Paleontólogo/Espeleólogo - LABAP-UEPB

juvandi@terra.com.br

2 Graduanda em História - UEPB

karenmorais9@gmail.com

3 lucasramon2009@hotmail.com

[Graduado em História - UEPB](#)

RESUMO

Consolidou-se, entre as cátedras da historiografia brasileira, a concepção de que existia uma separação consolidada entre os índios que povoavam o território que hoje denominamos Brasil, nos tempos da colonização lusa: os chamados Tapuios ocupavam as sertanias, ao passo que os Tupi limitavam-se ao litoral. Isso posto, o artigo a seguir tem como objetivo apresentar, sintética e introdutoriamente, as novas evidências arqueológicas que atestam a presença inequívoca de índios Tupis no interior da Paraíba. Na literatura de época colonial, ademais, encontramos documentos que comprovam a presença de aldeias Tupis em localidades no interior do que hoje é o Nordeste do Brasil, como as Aldeias de Tabajaras na Serra da Ibiapaba no Ceará e posteriormente, na própria Paraíba (Capitania Real da Parahyba). Assim, com base nos mais recentes achados arqueológicos do interior da Paraíba (em cidades do Alto Sertão, inclusivamente, conhecidos redutos Cariri/Tarairiu) nomeadamente urnas funerárias Tupi, é possível pôr em causa a já consolidada tese, o que suscita novos questionamentos, em especial a razão da escassa documentação atestando tal prolífica presença, impondo também dúvida sobre as formas e rotas dessa ocupação Tupi das sertanias, outrora tida como inexistente ou demasiado rara. O trabalho que se segue não traz respostas para tais questões, uma vez que ainda não as tem. Com o desenvolvimento das pesquisas, no entanto, espera-se que mais esta faceta da Paraíba pretérita seja suficientemente elucidada nos vindouros anos.

Palavras chave: Tupi. Interior. Paraíba.

ABSTRACT

Among the intellectual circles of Brazilian historiography, the conception that there was a consolidated separation between the Indians that inhabited the territory that we now call Brazil, during the times of Portuguese colonization, has been crystalized: the so-called Tapuios occupied the backlands, while the Tupi limited themselves to the coastal areas. With that in mind, the following article aims to present, synthetically, the new archaeological evidences that attest to the unmistakable presence of Tupi Indians in the interior of Paraíba. In the literature of colonial times, moreover, we find documents that prove the presence of Tupis villages in the interior of what is now the Northeast of Brazil, such as the Tabajaras Villages in the Serra da Ibiapaba in Ceará and later, in Paraíba itself (Capitania Real of Parahyba). Thus, based on the most recent archaeological finds in the interior of Paraíba (in cities in the Alto Sertão, including known Cariri / Tarairiu strongholds), in particular Tupi funerary urns, it is possible to call into question the already consolidated thesis, which raises new questions, especially the reason for the scarce documentation attesting to such a prolific presence, also imposing doubt on the forms and routes of this Tupi occupation of the inland, once considered to be nonexistent or very rare. The work that follows does not provide answers to such questions, since it does not yet have them. With the development of research, however, it is expected that this facet of the past Paraíba will be sufficiently elucidated in the coming years.

Keywords: Tupi. Interior. Paraíba.

INTRODUÇÃO

Ao chegarem às terras além-mar, um dos principais objetivos dos europeus, era angariar riqueza e, após explorar o litoral, iniciaram-se as entradas para o interior, e “descobrir” essas terras. Essa expressão muito comum na historiografia nos leva a crer que não havia indivíduos habitando essas regiões. O que não era a realidade.

Quando os europeus cruzaram o Atlântico, chegaram a uma terra que possuía uma gigantesca população de nativos, que se espalharam por todo o seu território e “[...] dividiram os indígenas em dois grandes grupos: os Tupis, que falavam a “língua geral”, e os Tapuias, que falavam a “língua travada” (língua Macro Jê), isto é, outros idiomas que eles não compreendiam” (PIRES, 1990, p. 25).

Infelizmente, as fontes que trazem informações sobre estes povos foram produzidas por cronistas europeus que, em sua maioria, só tratavam dos Tupis, que habitavam toda a faixa litorânea. Mais próximos, portanto, dos núcleos iniciais de povoamento europeu, facilitando o contato e a observação. Sobre os Tapuias, são poucas as informações registradas. O que se tem em mãos para análise são observações feitas sob o foco “preconceituoso” do europeu do período colonial e dos Tupis do litoral.

DESENVOLVIMENTO

RÁPIDA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA SOBRE A TEMÁTICA PROPOSTA

O primeiro autor apontado é Karl F. P. Von Martius (1938), o qual apontou a região sul da Amazônia, próximo aos rios Paraná e Paraguai, como possivelmente o local de origem destes indígenas. Martius conclui que as migrações seriam recentes e teriam partido de um lugar entre o Paraguai e o sul da Bolívia.

Outra hipótese foi a levantada por D’Orbigny, defendia que a gênese dos Tupi-guarani estaria relacionada com a região entre o Paraguai e o Brasil; já Karl Von Den Steinen (1886), indicava as cabeceiras do rio Xingú; enquanto Paul Ehrenreich (1891), apontou o Paraná, Alto Paraguai e Bolívia como centro de origem das migrações Tupi-guarani.

O etnólogo Kurt Nimuendajú (2002) apontou que um dos motivos para a migração está ligado à questão religiosa, defendendo a ideia da busca da “terra sem mal”. Essa teoria influenciou Métraux, o qual afirmou que as migrações seriam um fenômeno anterior à chegada dos portugueses.

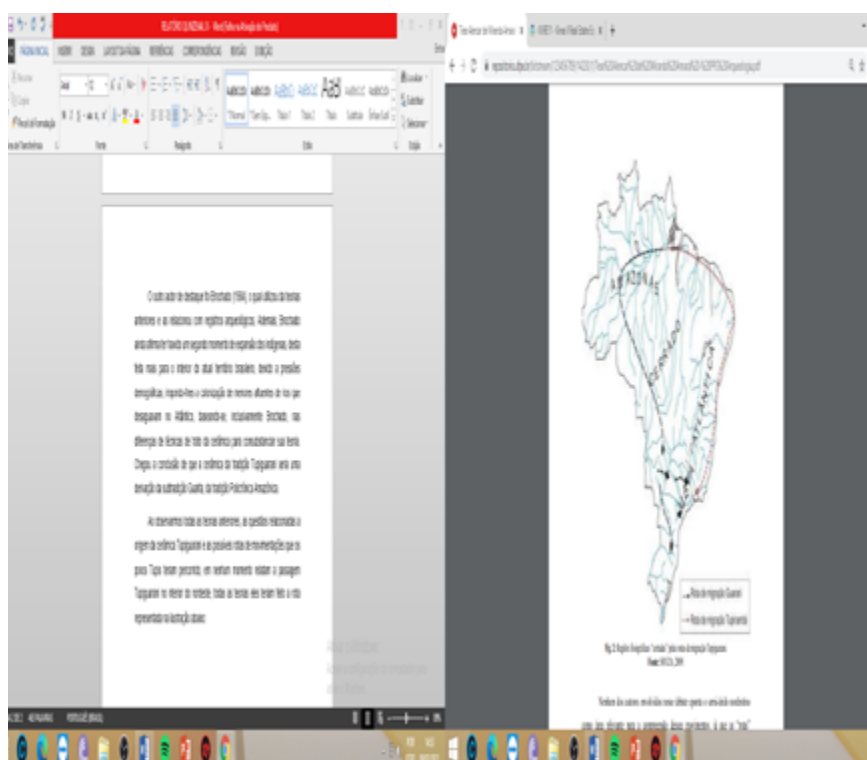
Donald Lathrap é o autor de uma das hipóteses mais aceitáveis. O autor via a Amazônia como um grande centro de inovações culturais, a partir do qual estilos cerâmicos e técnicas

de cultivo teriam se expandido para outras regiões, a origem desses grupos e da cerâmica da tradição policrônica, dando ênfase nas áreas entre os rios Amazonas e Madeira. O crescimento populacional e as pressões demográficas causaram um movimento centrífugo na Amazônia Central, o que levou diversos grupos a abandonarem a região.

O outro autor de destaque foi Brochado (1984), o qual utilizou das teorias anteriores e as relacionou com registros arqueológicos, Ademais, Brochado ainda afirma ter havido um segundo momento de expansão dos indígenas, desta feita mais para o interior do atual território brasileiro, devido a pressões demográficas, impondo-lhes a colonização de menores afluentes de rios que desaguavam no Atlântico, baseando-se, inclusivamente Brochado, nas diferenças de técnicas de trato da cerâmica para consubstanciar sua teoria. Chegou à conclusão de que a cerâmica da tradição Tupi-guarani seria uma derivação da subtradição Guarita, da tradição Policrônica Amazônica.

Ao observarmos todas as teorias anteriores, as questões relacionadas a origem da cerâmica Tupi-Guarani e as possíveis rotas de movimentações que os povos Tupis teriam percorrido, em nenhum momento relatam a passagem Tupi-guarani no interior do nordeste, todas as teorias eles teriam feito a rota representada na ilustração abaixo (Fig. 1):

FIG. 1 - REGIÕES FISIOGRAFICAS "CORTADAS" PELAS ROTAS DE MIGRAÇÃO TUPI-GUARANI



FONTE: SOUZA, 2009.

O que se poderia realizar é, efetivamente, pôr à prova os relatos dos cronistas de época e dos demais pesquisadores desta temática. Evidências arqueológicas, estas seriam verdadeiramente irrefutáveis fontes de conhecimento para analisar e confirmar ou editar os relatos e estudos etnográficos e culturais nos quais se fixam as teses de povoamento pretérito e contemporâneo à conquista europeia, uma vez que, possuindo vestígios com os quais pudesse confrontar eventuais achados, solucionaria alguma controvérsia que ainda existe sobre a epopeia dos Tupi como um todo. O pretense percurso realizado pelos Tabajaras advindos da Bahia e citado em crônicas de época, poder-se-ia estudá-lo do ponto de vista da arqueologia, buscando, especificamente, os vestígios de passagens indígenas, por exemplo, assim como seria de grande proveito um estudo arqueológico na área da Serra de Ibiapaba, nos sítios dos aldeamentos ou entorno, para que se possa, afinal compreender quais os indivíduos ali viviam.

Por muitos anos as tribos pertencentes ao grupo Tupi foram ligadas a litoral do Nordeste, poucos debates são voltados para uma suposta presença desses povos no interior. Apenas um grupo, entra em debate que são os Tabajaras da Serra da Ibiapaba. Não é possível afirmar, que os Tupi se limitavam ao litoral no tempo da conquista europeia. Se os próprios colonizadores se depararam com este grupo de indígenas nas isoladas áreas de Ibiapaba, ali estabelecidos há séculos antes da chegada dos portugueses às terras tupiniquins, como afirmar que os Tupi não se encontravam no oeste do território, terra majoritariamente habitada por bárbaros Tapuia? Assim, o esforço deve vir no sentido de buscar novas evidências da presença Tupi noutras paragens do interior efetivamente estabelecida e seu longo processo migratório o que se poderá atingir com novas fontes escritas, outros estudos etnográficos e, eventual e complementarmente, com alguma intervenção arqueológica abrangente em áreas determinadas.

OS TUPIS NO INTERIOR

É necessário, antes de expor como se deu o processo de produção do espaço da Paraíba pelos colonizadores, vermos algumas informações acerca destes indígenas que habitavam o interior paraibano e como foi a sua relação com os colonos e até mesmo com a natureza. É devido a esse preconceito com as tribos do interior, possivelmente esse seja um dos motivos que não há quase nenhum registro sobre tribos Tupis nos sertões, afinal eram pouquíssimas tribos e ainda havia essa resistência por parte dos colonizadores.

Pouco se sabe da origem dessas nações do interior. Algumas eram provenientes do litoral e se deslocaram para o sertão, pressionadas pelos europeus e outras tribos inimigas, ou até

migrando em período bem anterior a colonização. Datações poderão refutar ou confirmar tal (is) hipótese (s). Os Tapuias quase não mantiveram contato com os portugueses no início do período colonial. Por essa razão são precárias as informações sobre esses grupos, sobretudo no período colonial. Algumas tribos Tupis possivelmente são descendentes de grupos do sul da Amazônia.

Uma das mais conhecidas foi à tribo dos Tabajaras, localizada no interior do Ceará na Serra da Ibiapaba. Essa (s) aldeia (s), em específico, foi alvo de missões religiosas, mais especificamente dos jesuítas. Em seu artigo “Índios e Jesuítas na Aldeia da Ibiapaba (1700-1759)” Maico Oliveira Xavier faz uma análise de como foi esse período, fica claro que não foi uma dominação pacífica, e que resultou em diversas mortes e conflitos, devido a resistências dos indígenas da aldeia. Logo, isso resultou em uma diminuição considerável na população da tribo, entretanto, resultou na expulsão dos Jesuítas da Aldeia da Ibiapaba. Não foi apenas um ambiente de evangelização, nem somente um local de onde os nativos eram recrutados para servir de mão de obra ou guerrear, e sim, um lugar de possibilidades plurais, dinâmicas e complexas, de reelaboração contínua (XAVIER, 2010).

Maia (2010) ainda apresenta subsídios para a explicação da dispersão dos grupos Tabajara pela área mais interiorana do Ceará, Ibiapaba. Parcialmente a confirmar as teorizações de Studart Filho e Capistrano de Abreu, o autor traz o relato do Padre Ascenso Gago com o adicional, no entanto, de analisar documentação proveniente do Acervo Ultramarino Português, que confirma as migrações de Tabajara provenientes da Bahia, seguindo pela ribeira do São Francisco, até concentrarem-se na já taxativamente mencionada Ibiapaba. Maia (2010, p. 122) ainda afirma:

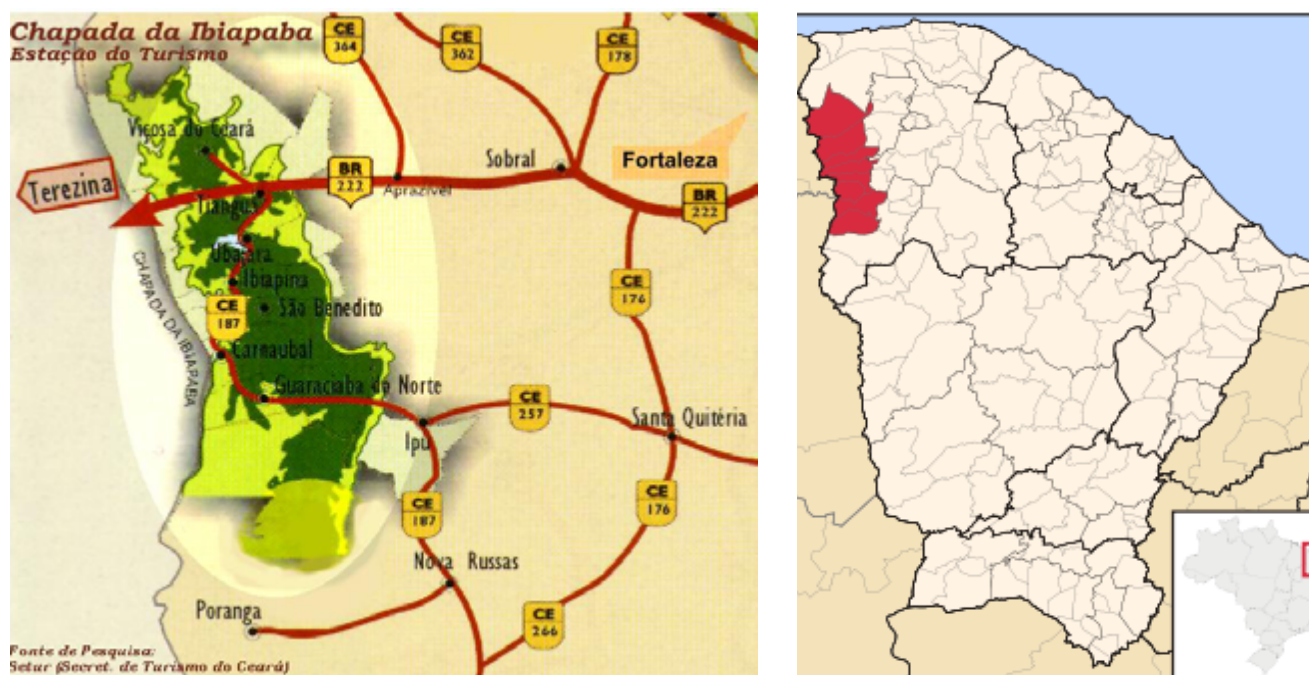
E deve-se atentar para o seguinte: estes Tabajaras eram os mesmos Potiguaras que permaneceram como povoadores das Serras de Ibiapaba durante a separação com os Tupinambás do Maranhão. Logo, eles se apropriaram do designativo Tabajara, possivelmente, porque a oposição que mantiveram com os Tupinambás era forte o bastante para distingui-los numa relação com os portugueses.

Outra importante questão já mencionada, também, no texto de Studart Filho diz respeito aos embates entre as tropas coloniais, lideradas por Pedro Coelho, e os Tabajara aldeados na região de Ibiapaba, muito claramente observando a presença destes grupos Tupi enquanto verdadeiros senhores daquela região (Studart Filho classifica os índios do Ceará em três categorias, figurando os Tabajaras naquela referente aos indígenas das regiões serranas (Fig. 2), o que denota sem dúvida a afinidade deste grupo com as regiões mais interioranas do atual estado), mesmo antes do maior ímpeto colonial ali chegar. Tal pode ser reforçado pelo seguinte trecho:

Assim é possível vislumbrar que, antes da chegada da tropa de Pero Coelho, já havia

um complexo sistema organizacional estabelecido entre os Tabajaras, em Ibiapaba, no uso e usufruto da natureza do seu território e de plena sociabilidade de comum interligação entre as aldeias e os seus respectivos chefes locais (MAIA, 2010, p. 67).

FIG. 2 – PRINCIPAIS ALDEAMENTOS TUPI NA REGIÃO DA SERRA DA IBIAPABA



FONTE: SERRA DA IBIAPABA (2020).

Após as muito complicadas incursões militares, sem grande efeito em domar os indígenas efetivamente¹, o próximo passo do colonizador passa a ser a catequização, e assim estabeleceram-se missões religiosas na região de Ibiapaba que, a propósito, parece ser uma vastíssima área, muito rica para pesquisa arqueológica, lastreada pelos relatos de cronistas. Neste sentido, Maia (2010) ainda proporciona, a basear-se em documentação de época, além de personalidades como Florestam Fernandes, estabelece um quadro comparativo dos dados demográficos referentes aos Tabajaras das áreas serranas, que foram compilados no Quadro 1 a seguir:

1 Não obstante, Studart Filho relata o facto que, após os primeiros embates entre lusos e Tabajara, estes últimos, em número de 70 aldeias, viram-se forçados a emigrar para o Maranhão, onde foram combatidos por Tapuia do interior e franceses, além de perecerem de Varíola (STUDART FILHO, 1965; 121).

QUADRO 1 - FLUTUAÇÃO DEMOGRÁFICA NAS SERRAS DE IBIAPABA – SÉCULOS XVII.

Data	Estimativas demográficas	Observação
Ant. 1604	200 aldeias	Número Determinado
Ant. 1604	Mais de 70 aldeias	Número indeterminado
1607	70 a 80 “casas”	Após expedição de Pêro Coelho restara apenas duas aldeotas, uma com vinte casas e a outra com cinquenta ou sessenta.
1660	2.500 índios	Dois anos após o reinício da missão, em 1658, havia três aldeias de Tabajara
1693-1695	3.000 índios	O número corresponde apenas aos índios Tabajaras preparados para o descimento, não incluindo outros grupos.
15/08/1700	4.000 índios	O número corresponde ao levantamento no dia da fundação da Aldeia

FONTE: SERRA DA IBIAPABA (2020)

Esse é o relato de apenas uma aldeia, a qual a vitória foi dos indígenas, porém, é do nosso conhecimento que essa não foi à realidade de tribos Tupis menores, as quais não tiveram recursos para resistir ao avanço dos colonizadores, tanto o armado quanto o religioso. Mortos, fugindo ou até mesmo perdendo seus costumes através da miscigenação, e acabaram desaparecendo da história, sendo encontradas apenas centenas de anos depois através de atividades arqueológicas.

PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS TUPIS NOS SERTÕES DA PARAÍBA

Em artigo científico publicado recentemente, Santos (2020), já aponta essa hipótese, a de grupos Tupi terem habitado em vários locais do atual território da Paraíba. Além de importantes referências bibliográficas que pontuaram a presença Tupi nos sertões da Paraíba, recentemente mediante importantes informações que nos tem chegado através de relatos

das populações locais, nos dão conta de fartos materiais arqueológicos que, numa primeira análise comparativa, já é possível atribuir, o material arqueológico cerâmico, ao grupo étnico-linguístico-cultural Tupi (MARTIN, 2005), (BROCHADO, 1984), (PROUS, 2019).

As informações sobre a presença Tupi no interior da Paraíba tem nos mostrado, tanto pela literatura quanto pelo material arqueológico, que esse grupo humano foram identificados onde hoje temos os municípios de Serra da Raiz, Pilões, Piloezinhos (ALBUQUERQUE, 2011). Ademais, só muito recentemente é que novos achados e análises de literatura, a exemplo do livro “Tinta anos na Paraíba”, de Leon Clerot (1969), que este autor apresentou a existência de urnas funerárias no atual município de Casserengue, inclusive apresentando fotografias de uma urna ou vasilha que em muito se assemelha ao material cerâmico Tupi já identificado em outras regiões do estado da Paraíba e do Brasil.

Ainda no interior da Paraíba, em vários outros locais (municípios), já identificamos materiais arqueológicos de prováveis grupos Tupi. Assim, temos: Cuité, Teixeira/Matureia, Bernadino Batista, Borborema, Bananeiras e possivelmente Cachoeira dos Índios.

Até o momento, não temos dados suficientes para indicar a procedência dos grupos humanos que se instalaram nas localidades citadas anteriormente. O que já temos, até o momento, é uma quantidade grande de materiais arqueológicos que possivelmente foi produzido pelo povo Tupi, especialmente urnas funerárias, tigelas diversas, materiais líticos, tambetás e outros adornos corporais (Figs. 3, 4, 5, 6 e 7).

FIG. 3 – URNA FUNERÁRIA RESGATADA NO SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS.

FIG. 4 – TIGELAS DIVERSAS (FRAGMENTO) RESGATADAS NO SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS.

FIG. 5 – URNA FUNERÁRIA RESGATADA NO SÍTIO LARANJEIRAS, PILOEZINHOS, PARAIBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS.

FIG. 6 – TIGELAS DIVERSAS RESGATADA NO SÍTIO LARANJEIRAS, PILOEZINHOS, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS

FIG. 7 – ÁREA COM FORTE PRESENÇA DE MATERIAIS CERÂMICOS (IN SITU) NO SÍTIO LARANJEIRAS, PILOEZINHOS, PARAÍBA



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a presença Tupi nos sertões da Paraíba estão apenas começando. Na região do Brejo da Paraíba, como em Pilões, um grande salvamento arqueológico foi realizado pelo Prof. Dr. Marcos Albuquerque (2011) e esses materiais encontram-se na Universidade Federal de Pernambuco e dentro em breve será repatriado para um museu que se encontra instalado na cidade de Pilões.

Além desse sítio, o Prof. Marcos Albuquerque ainda identificou mais alguns sítios na região brejeira da Paraíba. Mais recentemente, nossa equipe identificou outros sítios no Brejo da Paraíba, mas também, no Curimataú e Alto Sertão. Todos esses sítios (dezoito até o momento) estão sendo investigados e, em alguns, realizado salvamento, devidamente autorizado pelo IPHAN-Nacional.

Todos esses estudos servirão, em médio prazo, para reconstruir a história da ocupação pretérita indígena dos sertões da Paraíba.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcos. Salvamento arqueológico na área de implantação da subestação de energia 138/69 kv, no município de Pilões, PB – sítio arqueológico PB/0047LA/UFPE. Relatório final de cumprimento de objeto. Recife: UFPE, 2011.

AMARAL, Alencar de Miranda. **“Andanças” Tupi-guarani na Chapada do Araripe: análises das correlações entre mobilidade humana, tecnologia cerâmica e recursos ambientais.** Dissertação (Mestrado em arqueologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

BROCHADO, J. P. **An ecological model of the pread of pottery and agriculture into Eastern South America.** Tese (Doutorado em Arqueologia) - University of Illinois, Urbana, 1984.

CLEROT, Leon. **Trinta anos na Paraíba.** Rio de Janeiro: PONGETTI, 1969.

EHRENREICH, Paul. **Beitrag zur Volkerunde Brasiliens.** Berlim: W. Spemann, 1891.

MAIA, Lígio de Oliveira. **Serras de Ibiapaba. De aldeia à vila de índios: vassalagem e identidade no Ceará colonial – século XVIII** Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil.** 5. ed. Recife: Editora da UFPE, 2005.

MARTIUS, Carlos Frederico Von. **O direito entre os indígenas do Brasil.** Trad. Amaral Gurgel. São Paulo: Edições e Publicações, 1938.



NIMUENDAJU, Kurt. **Mapa Etno-Histórico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. **A Guerra dos Bárbaros** – Resistência e conflitos no Nordeste colonial. Recife: Editora da UFPE, 2002.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira** – a pré-história e os verdadeiros colonizadores. Cuiabá: Calini & Caniato Editorial, 2019.

SANTOS, Juvandi de Souza. Índios Tupis no interior da Paraíba. V. 1, n. 17. **Revista Tarairiú**. Campina Grande: UEPB, 2020. pp. 1-6.

SERRA DA IBIAPABA. Obtido em; <https://commons.wikipedia.org/w/index.php?curid=740820>. Acesso em: 30 Nov. 2020.

SOUZA, E. S. O potencial interpretativo dos artefatos cerâmicos: a tradição Tupiguarani na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

STEINEN, Von Karl Den. **Durch Central-Brasilien**. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1886.

STUDART FILHO, Carlos. **Os aborígenes do Ceará**. Coeção História e Cultura. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1965.

XAVIER, Maico Oliveira. ÍNDIOS E JESUÍTAS NA ALDEIA DA IBIAPABA (1700-1759). *Revista historiar*, ano ii, n. i (2010).